

**MIGRANTES DO JAPÃO PARA O PERU E RETORNO.
O PRIMEIRO TRATADO IGUALITÁRIO DA ERA MEIJI: 1873.
MIGRANTS FROM JAPAN TO PERU AND BACK.
THE FIRST EGALITARIAN TREATY OF THE MEIJI ERA: 1873.**

MARIO G. LOSANO¹

Tradução
GIULIA PAROLA²

Resumo

No meio do século XIX, o Japão entrou na comunidade internacional e assinou tratados com os principais Estados. No entanto, as potências coloniais impuseram "tratados desiguais", nos quais o Estado japonês não desfrutava dos mesmos direitos concedidos aos Estados ocidentais. Os primeiros tratados igualitários com o Japão foram assinados com os Estados da América Latina, que haviam acabado de sair do status de colônias ibéricas. O primeiro tratado igualitário foi assinado em 1873 entre Peru e Japão. Seguiram-se os tratados igualitários com o México em 1888 e com o Brasil em 1895: este último foi dedicado a Memória número 45 *Accademia delle scienze* de Turim em 2021. As relações diplomáticas estabelecidas com os tratados igualitários permitiram, a partir do século XIX, a emigração de muitos japoneses, principalmente para o Brasil e o Peru. Mas no século XX, as crises econômicas desses últimos países (as "décadas perdidas" da América Latina) obrigaram muitos nipo-sul-americanos a retornar a um Japão que não conheciam. O escritor nipo-peruano Augusto Higa Hoshiro - participante dessa dupla emigração - ilustra o desconforto de se sentir japonês no Peru e peruano no Japão.

Abstract

*In the middle of the 19th century, Japan entered the international community and signed treaties with the major states. However, the colonial powers imposed "unequal treaties", in which the Japanese state did not enjoy the same rights granted to Western states. The first egalitarian treaties with Japan were signed with the Latin American states, which had just emerged from their status as Iberian colonies. The first egalitarian treaty was signed in 1873 between Peru and Japan. This was followed by egalitarian treaties with Mexico in 1888 and with Brazil in 1895: the latter was dedicated to Memoir number 45 *Accademia delle scienze* di Torino in 2021. The diplomatic relations established with the egalitarian treaties allowed many Japanese to emigrate from the 19th century onwards, mainly to Brazil and Peru. But in the 20th century, the economic crises of these latter countries (Latin America's "lost decades") forced many Japanese-South Americans to return to a Japan they didn't know. The Japanese-Peruvian writer Augusto Higa Hoshiro - a participant in this double emigration - illustrates the discomfort of feeling Japanese in Peru and Peruvian in Japan.*

¹ Professor Emérito de Filosofia do Direito e Informática Jurídica, Academia das Ciências, Via Maria Vittoria 3, 10123 TORINO (Itália).

² Università degli Studi di Torino, Facoltà di Giurisprudenza (Italia). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8107-5765>.

ÍNDICE

1. O Japão do século XIX, encruzilhada da política mundial.
2. Os Estados sul-americanos de colônias a Estados independentes: o caso do Peru.
3. O incidente do navio "María Luz" e o tratado de 1873 entre Peru e Japão.
4. A emigração do Japão para o Peru e retorno.
5. O retorno ao Peru de um escritor nipo-peruano emigrado para o Japão: um testemunho.
6. Os motivos da partida dos nikkei do Peru.
7. Os falsos nipo-peruanos, ou 'nikkei chichas'.
8. As expectativas dos nikkei no Japão.
9. O problema da língua japonesa.
10. O problema da própria identidade.
11. O início da psicose e o retorno ao Peru.

1. O Japão do século XIX, encruzilhada da política mundial.

A história do Japão se entrelaça constantemente com a história da Europa, não obstante a grande distância entre os dois mundos. Após a descoberta da América, o Tratado de Tordesilhas de 7 de junho de 1494 traçou uma linha que cortava verticalmente o Oceano Atlântico, atribuindo à Espanha as terras a oeste dessa linha (ou seja, as Américas, ainda desconhecidas), e a Portugal as terras a leste (ou seja, a Ásia, a rica terra das especiarias). Esse tratado revisou o Tratado de Alcáçovas de 1479 e a bula papal *Inter caetera* de 4 de maio de 1493, com a qual o Papado pretendia prevenir um possível conflito entre as duas grandes potências católicas³.

Mas a Terra é redonda e, portanto, as duas potências ibéricas, mesmo navegando em direções opostas, se encontraram novamente no Extremo Oriente: navegando sempre para o oeste, os espanhóis chegaram à Nova Espanha, ou seja, ao México, e de lá – cruzando o Oceano Pacífico – às Filipinas; os portugueses navegando sempre para o leste – circunvagando a África

³Thomas Duve, *El Tratado de Tordesillas ¿Una 'revolución espacial'? Cosmografía, prácticas jurídicas y la historia del derecho internacional público*, "Revista de historia del derecho", 2017, pp. 77-107. Sobre a geopolítica de Portugal: Losano, *Oceano: il mondo visto da Lisbona*, "Limes. Rivista italiana di geopolitica", 2010, n. 5 (*Il Portogallo è grande*), pp. 21-35; sobre a geopolítica da Espanha: Id., *La prospettiva di Tordesillas come introduzione alla geopolitica spagnola*, "Limes. Rivista italiana di geopolitica", 2012, n. 4 (*La Spagna non è l'Uganda*), pp. 115-126.

e cruzando o Oceano Índico – chegaram até a China e fundaram a colônia de Macau. A partir daí, os dois Estados ibéricos chegaram às ilhas meridionais do Japão. Suas tentativas de cristianizar essas terras foi interpretada pelos japoneses, com razão, como uma ameaça de colonização, e por isso o Japão se fechou para qualquer contato externo por dois séculos (*Sakoku*: 1641-1853). Com exclusão, apenas, da ilha de Dejima, aberta para comércio controlado com os holandeses e chineses: uma ilha artificial, para enfatizar que nenhum pé estrangeiro poderia tocar o solo sagrado japonês.

O advento da navegação a vapor, a construção da ferrovia transcontinental nos Estados Unidos e a ferrovia transiberiana no Império Russo, a abertura do Canal de Suez em 1869 (e a do Panamá em 1914) criaram a primeira globalização, que, no entanto, entrou em confronto com o fechamento das ilhas japonesas – um porto de escala indispensável para o suprimento de navios que queriam atravessar o Oceano Pacífico em ambas as direções.

Os Estados Unidos decidiram acabar com o fechamento do Japão enviando, em 1853, a frota das "naves negras" do Comodoro Perry para aquele arquipélago distante, exigindo a abertura dos portos e anunciando o canhoneio dos mesmos como única alternativa caso a abertura não ocorresse. Assim, o Japão foi forçado a sair de seu isolamento secular e em 1868 começa sua entrada no comércio mundial. Essa data marca o início da era Meiji (1868-1912), durante a qual o Japão ocidentaliza-se rapidamente e passa de um país potencialmente colonizável a uma potência mundial. Status simbolicamente sancionado pela vitória militar do Japão sobre o Império Russo, em 1905.

A partir da metade do século XIX, portanto, o Japão passou a fazer parte da geopolítica mundial e estabeleceu tratados de amizade e comércio com os principais Estados do mundo. As grandes potências ocidentais impuseram tratados desiguais ao Japão, isto é, que não reconheciam reciprocamente ao país os direitos que os Estados ocidentais adquiriam. Nos últimos anos do século XIX, o Japão assinou seus primeiros tratados igualitários com o Peru em 1873, com o México em 1888 e com o Brasil em 1895. Ao tratado com o Brasil é dedicada parte de uma de minhas publicações da Academia de Ciências de Turim⁴. Com o México, o

⁴ Cfr. o Cap. VIII, *I giapponesi in Brasile*, pp. 121-170, in Losano, *Brasiliani nel Giappone ottocentesco. I primi trattati paritetici dell'era Meiji*, Accademia delle Scienze, Torino 2021, 221 pp. <<https://www.accademiadelle scienze.it/book/0a4cf2e7-7306-4cc8-8926-627f6d1c2bc6>> e, no apêndice, a tradução em italiano do tratado e outros documentos legislativos conexos: I. *Trattato di amicizia, commercio e navigazione tra gli Stati Uniti del Brasile e l'Impero del Giappone, 5 novembre 1895*; II. *Legge n. 419, 27 novembre 1896. Approva il Trattato di amicizia, commercio e navigazione*; III. *Decreto n° 2489, 31 marzo 1897. Rende esecutivo il Trattato di amicizia, commercio e navigazione*, pp. 173-178.

Japão havia assinado em 30 de novembro de 1888 um "Tratado de Amistad, Comercio y Navegación"⁵; para o México, esse era o primeiro tratado com um estado asiático, e que abriu caminho para a primeira imigração japonesa, em 1887, para o estado de Chiapas⁶. O tratado de 1873 com o Peru é objeto dos próximos parágrafos.

Os navios dos emigrantes japoneses seguiram um curso inverso ao dos "navios negros" do Comodoro Perry: o navio "Sakura Maru" chegou ao Peru em 1899 com 790 migrantes; o navio "Kasato Maru" chegou ao Brasil em 1908 com 781 migrantes. Esta é a origem das duas principais colônias japonesas na América Latina. A emigração entre o Japão e esses estados sul-americanos (e vice-versa) começa com tratados igualitários. As páginas seguintes focam na emigração do Japão para o Peru (e vice-versa)⁷.

2. Os Estados sul-americanos, de colônias a Estados independentes: o caso do Peru.

A independência da América Latina das duas pátrias ibéricas teve origem em 1808 com a ocupação da Espanha por Napoleão e a consequente queda da dinastia reinante dos Bourbon. As colônias americanas atravessaram um período de incerteza, divididas entre a lealdade dinástica aos Bourbon exilados e a aceitação do poder napoleônico. O século XIX, no entanto, foi o qual na Europa se afirmaram os princípios liberais e se formaram os Estados nacionais: os mesmos impulsos estavam presentes nas elites sul-americanas, e a agitação napoleônica ofereceu a estas a oportunidade de proclamar a independência dos territórios individuais⁸. Os

⁵Carlos Almada, *México y Japón: a 130 años de relaciones diplomáticas*, Secretaría de Relaciones Exteriores, Dirección General del Acervo Histórico Diplomático, Ciudad de México 2018, 243 pp., con amplia bibliografía: pp. 231-243; Maria Elena Ota Mishima (ed.), *México y Japón en el siglo 19. La política exterior de México y la consolidación de la soberanía japonesa*, Secretaría de Relaciones Exteriores, Tlatelolco, México, D.F., 1976, 149 pp.; Enrique Cortés, *Japón y México: el inicio de sus relaciones y la inmigración japonesa durante el Porfiriato*, Secretaría de Relaciones Exteriores, México 1980, 133 pp. Cf. também com o mesmo título o artigo extenso (que não é uma revisão do livro): Héctor Palacios, *Japón y México: el inicio de sus relaciones y la inmigración japonesa durante el Porfiriato*, "México y la Cuenca del Pacífico", mayo-agosto 2012, pp. 105-140 (http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2007-53082012000100105).

⁶Juan Manuel Portilla Gómez, *El establecimiento de relaciones diplomáticas entre México y Japón: detonador para el reconocimiento de la igualdad jurídica del país nipón*, "Anuario Mexicano de Derecho Internacional", vol. I, 2001, pp. 461-476. Observe-se: "igualdade jurídica", porque somente em 1911 o Japão alcançou a igualdade alfandegária com outros Estados.

⁷Obviamente, os japoneses também emigraram para muitos outros países, gerando uma diáspora de proporções mundiais: o artigo "Diáspora japonesa" na Wikipedia oferece uma síntese com dados estatísticos e bibliografia.

⁸Para uma primeira aproximação do tema: Marzia Rosti, *Come la Spagna perse l'America. La Spagna di fronte all'indipendenza delle proprie colonie sudamericane, 1800-1840*, Unicopli, Milano 1996, 215 pp.; Christon I. Archer, *The Wars of Independence in Spanish America*, Scholarly Resources Books, Wilmington (Del.) 2000, XIII-325 pp.; John Lynch, *The Spanish American Revolutions, 1808-1826*, Norton, New York 1986, XXIX-448 pp. (2ª ed.).

encadeados conflitos hispano-americanos – que duraram de 1808 a 1829 – levaram gradualmente à configuração política atual da América Latina: aqui, no entanto, devemos nos limitar a um breve aceno à história do Peru independente⁹.

O território que foi sede de um dos mais antigos impérios do mundo, o Império Inca, foi conquistado pelos espanhóis no século XVI: eles fundaram Lima, que se tornou a capital do Vice-Reino do Peru a partir de 1542, e que incluía quase todas as colônias espanholas da América do Sul. Em 28 de julho de 1821, o general José de San Martín proclamou a independência do Peru, que passou por anos turbulentos, durante os quais ocorreu o incidente do navio "María Luz". Além disso, foi concluído o tratado igualitário nipo-peruano de 1873, ao qual é dedicada a próxima seção. Graças às relações consulares estabelecidas por esse tratado, os primeiros imigrantes japoneses começaram a chegar ao Peru, a bordo do já mencionado navio "Sakura Maru", em 1899: a vanguarda da atual colônia de 160.000 nipo-peruanos, inferior numericamente apenas àquela do Brasil.

A partir de 1970, a situação do Peru começou a se agravar. Naqueles anos, o movimento revolucionário "Sendero Luminoso" foi constituído nas universidades, ao qual rapidamente se juntou o "Movimiento Revolucionario Túpac Amaru". Os dois movimentos de esquerda iniciaram uma luta armada contra o governo que provavelmente causou cerca de 50.000 mortes.

Assim como em toda a América Latina, os anos 80 foi a "Década Perdida" também para o Peru, com a queda dos preços dos produtos minerais (em particular do cobre e da prata, bens de exportação fundamentais no Peru); com uma hiperinflação que chegou a quase 150% por semana; com duas mudanças de moeda sem melhorias significativas (foi introduzido o *Inti*, posteriormente substituído pelo *Nuevo Sol*); com um desemprego generalizado e uma consequente emigração em massa¹⁰.

⁹ Para aprofundamento: Jorge Basadre Grohmann (1903-1980), *Historia de la República del Perú*, Obra fundamental sobre a história peruana, publicada em um volume em 1939 e chegando à sua nona edição em 2005 em 18 volumes (reimpressa em 2015). O 18º volume é uma atualização de 1933 a 2000, cujo autor é Raúl Palacios Rodríguez: Primeiro período: las democracias endebles (1933-1948). Segundo período: el ochenio de Odría (1948-1956). Terceiro período: el reformismo civil moderado (1956-1968). Quarto período: el reformismo militar radical (1968-1980). Quinto período: la democracia frustrada (1980-2000).

¹⁰ Alejandro Toledo Manrique, *Decada perdida de los Ochenta y el reto de crecer en los Noventa*, Instituto de Desarrollo Economico, ESAN 1990, 58 pp. (faz parte do volume: Id., *Perú y América Latina en crisis: como financiar el crecimiento*, Escuela de Administración de Negocios para Graduados – Instituto de Desarrollo Económico (ESAN/IDE), Lima 1990, 653 pp.; Alfredo Ferrand Inurritegui – Arturo Salazar Larrain, *La década perdida*, Sociedad de Industrias, Lima 1980, 112 pp.; Pedro Talavera Deniz (ed.), *La crisis económica en América Latina. Una década perdida para el desarrollo*, Sendai, Barcelona 1991, 349 pp.

No entanto, a julgar pela literatura, as décadas perdidas são mais de uma. Uma revista do Banco Central de Reserva de Peru abre com um artigo abrangente, rico em dados e gráficos, com o título *Las tres 'Décadas Perdidas'* com estas palavras: "A profunda crise econômica que atingiu a América Latina na década de 1980 levou a Comissão Econômica para a América Latina (Cepal) a indicar este período como a 'Década Perdida' da América Latina. Para a América Latina, certamente não foi um período feliz, mas para o Peru foi um desastre. [...] A partir de 1975, a economia peruana passou por uma série de crises econômicas graves, com uma contração do PIB de tal dimensão, que podemos dizer que, se a América Latina perdeu uma década, o Peru perdeu três décadas"¹¹.

Em 1990, o nipo-peruano Alberto Fujimori foi eleito Presidente da República e, em 1992, assumiu plenos poderes com um golpe de Estado, implementando uma política rigorosa contra a inflação, mas sem resolver o problema da pobreza, pelo contrário, agravando-o: a moeda peruana foi desvalorizada em 200%; o fechamento de muitas empresas provocou um desemprego generalizado e, com ele, um empobrecimento dramático das classes trabalhadoras.

É neste contexto que tem lugar a migração de retorno ao Japão dos nipo-peruanos, para escapar tanto da crise econômica quanto da guerra civil.

No entanto, a migração dos nipo-peruanos (e em geral dos nipo-sul-americanos) não se limita ao trânsito entre as duas margens do Atlântico. O sinal desta diáspora são os restaurantes: por exemplo, na madrileníssima Costanilla de los Desamparados, um "Nikkei Bar" oferece uma "nikkei food" agora tricontinental, "dónde tres continentes (el americano, el asiático y el Europeo)" se encontram.

A migração circular dos nipo-sul-americanos também impressiona pela distância geográfica entre Japão e Peru; mas o fenômeno da migração de retorno está presente em muitas – se não em quase todas – as migrações, já que quase todos os emigrantes partem com o desejo de retornar. Um exemplo próximo da Itália é o dos "Siciliani d’Africa", ou seja, sicilianos emigrados para a Tunísia. Quando, em 1881, foi estabelecido o Protetorado Francês, cerca de 25.000 italianos, na maioria sicilianos, residiam na Tunísia. O censo italiano de 1901 registrou em Marsala uma população com cerca de 50.000 habitantes, com 7.000 emigrantes na Tunísia¹².

¹¹ Luis Gonzalo Llosa – Ugo Panizza, *La gran depresión de la economía peruana: ¿Una tormenta perfecta?*, "Estudios Económicos", diciembre 2015, p. 91 (<https://www.bcrp.gob.pe/docs/Publicaciones/Revista-Estudios-Economicos/30/ree-30-llosa-panizza.pdf>).

¹² Silvia Finzi, *Memorie italiane di Tunisia*, Ambasciata d'Italia - Istituto di cultura, Tunisi 2000, 248-LIX pp.; Id. (a cura di), *Storie e testimonianze politiche degli Italiani di Tunisia*, Finzi, Tunisi 2016, 339 pp. (volume publicado

Na década entre 1950 e 1960, os temores ligados à independência da Tunísia, proclamada em 1956, levaram muitos sicilianos que moravam na África a retornar, em parte para a França e em parte para a Itália. Chegando aqui, foram colocados em campos de refugiados, como em Gargnano perto de Brescia, na antiga caserna Magnolini: um retorno difícil, sem perspectivas, como o dos nipo-peruanos de retorno ao Peru. Recentemente, a televisão italiana também voltou a abordar esta migração¹³.

Nessas migrações de retorno, não faltam casos individuais bem-sucedidos. De uma família de sicilianos emigrados por gerações nasce em Túnis Claude Joséphine Rose Cardinale, que vence o concurso de mais bela italiana de Túnis e fala francês e árabe-tunisianos. Emigrante de retorno na França e na Itália, ela se destaca mundialmente: a atriz Claudia Cardinale. Em maio de 2022, a "Rue Claudia Cardinale" é inaugurada, na cidade de La Goulette, o porto cosmopolita de Túnis.

A "Banca Marsalese della Memoria", que coleta as memórias dessa emigração e de seu retorno, organizou em agosto de 2022 a série de eventos "Matabbia, Siciliani di Tunisia "; "matabbia" vem do árabe *madabia*, sinônimo de esperança¹⁴. A esperança que anima todo migrante, tanto da Sicília para a Tunísia quanto do Japão para o Peru, ou do Peru para o Japão.

3. O incidente do navio "María Luz" e o tratado de 1873 entre o Peru e o Japão.

O primeiro tratado assinado pelo Japão com um Estado sul-americano é conhecido como "Tratado de Paz, Amistad, Comercio y Navegación ", assinado em 19 de junho de 1873 com o Peru. O fato de se apresentar como um "Tratado de Paz" – uma formulação que não ocorre nos outros dois tratados sul-americanos – se deve ao conflito entre o Japão e o Peru causado pelo acidente do navio peruano "María Luz". No mês de julho de 1872, a embarcação sofreu danos devido a uma tempestade durante sua viagem de Macau para o porto peruano de Callao, e teve

para o 60º aniversário do jornal italiano da Tunísia, "Il Corriere di Tunisi"); Daniela Melfa, *Migrando a sud. Coloni italiani in Tunisia (1881-1939)*, Aracne, Roma 2008, 281 pp.

¹³ *Siciliani d'Africa – Tunisia terra promessa*, documentário de Marcello Bivona e Alfonso Campisi sobre a imigração italiana na Tunísia. A Rainews24 exibiu, em 25 de dezembro de 2022, a reportagem de Salah Methnani: *Siciliani di Tunisia. L'emigrazione italiana in Africa a cavallo di due secoli*. Alfonso Campisi - Flaviano Pisanelli, *Mémoires et contes de la Méditerranée: l'émigration sicilienne en Tunisie entre 19. et 20. siècles*, MC-Éditions, La Soukra 2015, 214 pp. Marcello Bivona, nascido em Tunis, descreveu as dificuldades dos imigrantes que retornam à Itália em seu romance inspirado nas memórias de sua família: *L'ultima generazione*, Besa, Nardò 2019, 204 pp.

¹⁴ O evento "Matabbia - Sicilianos da Tunísia" propõe Marsala como um lugar de estudos interculturais entre a Sicília e a Tunísia. (<https://it-it.facebook.com/Ass-Cult-Banca-Marsalese-della-Memoria-1639563282949554/>).

que se refugiar em Yokohama. Chegando lá, descobriu-se que o navio transportava “coolies” trabalhadores chineses em condições desumanas e análogas à escravidão¹⁵.

Uma vez que alguns *coolies* se jogaram na água e pediram refúgio em outros navios ancorados na baía, o complexo incidente também envolveu algumas potências ocidentais presentes em Yokohama e foi resolvido por um tribunal japonês a favor dos chineses. Os protestos do Peru e de vários Estados ocidentais tornaram necessário recorrer à arbitragem do Czar Alexandre II, que confirmou a decisão japonesa¹⁶. O ponto em questão - e na época não esclarecido - dizia respeito à natureza do trabalho dos *coolies*: era uma escolha livre de emprego ou uma redução à escravidão? Sob este ponto de vista, o incidente do "María Luz" marcou um ponto importante a favor dos japoneses ao afirmar sua soberania judicial e, portanto, na luta para abolir tratados injustos: por isso, um estudo apresenta o incidente do "María Luz" como um dos 15 "turning points" da história japonesa¹⁷. Os tratados nipo-peruanos, a partir de 1873, marcam um retorno gradual à normalidade nas relações diplomáticas entre os dois Estados¹⁸. Com a crise de superpopulação do Japão, no final do século XIX, a emigração de japoneses para a América Latina também começou. Em particular, com a chegada do navio "Sakura Maru"

¹⁵ Um "coolie" é definido como: "an unskilled laborer employed cheaply, especially one brought from the Orient" (segundo *Webster Encyclopedic Dictionary*, s.v.). Uma reconstituição precisa do caso "María Luz", acompanhada de abundante referência bibliográfica pode ser encontrada em Giorgio Fabio Colombo, *International Law, Justice, and Modernity in Japan. The María Luz Incident and the Dawn of the Meiji Restoration*, Routledge, London 2023, VIII-124 pp. (também online). O autor é professor titular de direito comparado na Universidade de Nagoya. [Soyeshima, Taneomi.] *The peruvian barque "Maria Luz": a short account of the cases tried in the Kanagawa Kencho, by special instructions of H. E. Soyeshima Taneomi, before Oye Taku, Esq., Ken Gon no Kami, assisted by G. W. Hill and several others, between the captain of the "Maria Luz" and the Chinese passengers brought by her from Macao, China, Shoshibunsha, Yokohama 1874* (paginação irregular, partes em japonês); Bill Mihalopoulos, *Rethinking the "Maria Luz" Incident*, Routledge, London – New York 2020 (recurso da internet).

¹⁶ J. A. Lavalle, *Exposición presentada al Emperador de Rusia Arbitro en el caso de la "María Luz", por el plenipotenciario del Perú. Publicación oficial*, Impr. del Estado, Lima 1875, 22 pp. Esta foi a segunda arbitragem internacional: a primeira, em 1870-72, foi presidida por Federigo Sclopis de Salerano - jurista, estadista e membro da Academia de Ciências de Turim - sobre a posição da Grã-Bretanha em relação aos Estados Unidos na Guerra Civil no caso conhecido como "Alabama claims", a partir do nome do navio usado pela Grã-Bretanha para apoiar os separatistas: Giorgio Cansacchi, *L'opera del conte Federigo Sclopis di Salerano nell'arbitrato dell'Alabama*, in *Atti dell'Accademia delle Scienze di Torino, Classe di scienze morali*, 1972, vol. 106, pp. 735-751.

¹⁷ Igor R. Saveliev, *Rescuing the prisoners of the "María Luz": the Meiji government and the 'Coolie trade', 1868-75*, in Bert Edström (ed.), *Turning points in Japanese history*, Routledge, London 2016, VII-251 pp.

¹⁸ Como não pude ver as publicações oficiais, gostaria apenas de salientar que os Tratados são frequentemente indicados por datas diferentes. Os tratados são dois: um de 19 de junho de 1873 e um de 25 de junho de 1873, in *Collección de los tratados del Perú*, Lima 1890-1911, vol. X, respectivamente a pp. 109 ss. e a pp. 128 ss. *Tratado preliminar de paz, amistad, comercio y navegación entre Perú y Japón*, del 21 agosto 1873; *Protocolo fijando el plazo para la presentación de exposiciones ante el árbitro para el asunto de la barca peruana "María Luz"*, del 10 aprile 1874 (<https://www.dipublico.org/tratados-y-documentos-internacionales-2/peru-tratados-y-doc-int/bilaterales/1820-1949/>).

em Callao, em 3 de abril de 1899, começou a imigração japonesa no Peru, que hoje conta com uma colônia de 160.000 nipo-peruanos: colônia menor apenas que a do Brasil¹⁹.

4. Emigração do Japão para o Peru e retorno.

O movimento migratório do Japão para o Peru está relacionado à rápida ocidentalização do Japão a partir de 1868, a qual tornou disponíveis muitos trabalhadores que não encontravam mais emprego na agricultura tradicional. Ao mesmo tempo, no Peru, a crescente produção de cana-de-açúcar exigia nova mão de obra. O tratado assinado em 1873 permitiu aos dois estados organizar uma emigração controlada e assim, em 1899, chegaram ao Peru os primeiros japoneses - um contingente composto apenas de homens - que, inicialmente, se estabeleceram como trabalhadores agrícolas nas províncias de Cañete e Huaral, das quais muitos posteriormente se mudaram para as cidades em busca de outros empregos.

As condições de trabalho logo se revelaram insustentáveis. Os imigrantes chegavam ao Peru por meio de empresas intermediárias de mão de obra que nem sempre cumpriam os compromissos assumidos: "Os japoneses, sob a responsabilidade da Companhia Morioka, não demoraram a descobrir que o contrato assinado para trabalhar no Peru era, muitas vezes, letra morta. As modalidades de pagamento e o valor do salário não coincidiam com o acordado, além dos maus tratos sofridos nas fazendas"²⁰. Na verdade, em geral, os proprietários agrícolas estavam acostumados a lidar com escravos ou semi-escravos, e não com mão de obra assalariada²¹. "A situação tornou-se tão crítica que dos 150 japoneses destinados à Hacienda San Nicolás, na província de Barranca, ao norte de Lima, apenas cerca de trinta havia sobrevivido depois de dois meses. A precariedade na Hacienda San Nicolás não era exceção, mas um indicador de que, em geral, as coisas não estavam indo bem. [...] Apenas um ano após

¹⁹ C[linton] Harvey Gardiner, *The Japanese and Peru, 1873-1973*, University of New Mexico Press, Albuquerque 1975, XIII-202 pp.; Amelia Morimoto, *Inmigración y comunidad de origen japonesa en el Perú: balance de los estudios* y *publicaciones*, (https://ceaa.colmex.mx/aladaa/memoria_xiii_congreso_internacional/images/morimoto.pdf).

Amelia Morimoto é autora de numerosos volumes sobre imigração oriental, e em particular japonesa, na América Latina.

²⁰ [Yuri Sakata Gonzáles *et al.*], *Los Nikkei del Perú. 120 años de la inmigración japonesa*, Asociación Peruano Japonesa – Fondo Editorial, Lima 202, p. 17: Esta e as próximas citações vêm deste volume oficial, feito em celebração aos 120 anos da imigração japonesa no Peru.

²¹ Wilfredo Kapsoli Escudero, *Esclavitud de negros en el Perú*, in: *Primer Seminario sobre Poblaciones Inmigrantes*, Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología, Lima 1987, vol. 1, pp. 11-30.

a chegada do navio 'Sakura Maru' em Callao, 124 imigrantes haviam morrido: quase um sexto do total que chegou ao Peru"²².

Superadas as dificuldades do ambiente diferente e certamente não acolhedor, da dificuldade com o idioma e da diversidade alimentar, em 1903 chegou ao Peru o segundo navio de imigrantes japoneses, entre os quais – pela primeira vez – havia também mulheres²³. Assim, começaram a se formar as primeiras famílias nipo-peruanas. Paralelamente à superação das dificuldades sociais, os japoneses colocaram em destaque sua notória habilidade de se organizar. Em 1908, para educar os filhos das primeiras famílias nipo-peruanas, foi criada a primeira escola japonesa no Peru na Hacienda Santa Bárbara, na província de Cañete. Em 1909, o primeiro periódico em japonês de circulação nacional, "Nihonjin" ("O Japonês"), foi fundado, seguido por vários outros, mas todos foram fechados em 1942 porque o Japão, juntamente com a Alemanha e a Itália, estava em guerra contra os Estados Unidos e seus aliados (e, portanto, também contra o Peru). Ao lado de várias associações provinciais, em 1917 foi fundada a Sociedad Central Japonesa, precursora da atual Asociación Peruano Japonesa.

De 1924 a 1939, a imigração japonesa deixou de ser administrada por empresas intermediárias de mão de obra e passou a ser baseada em convites diretos. Essa transformação "foi um claro indicador da evolução da colônia japonesa. Se em seu início, apesar dos contratos e da intervenção de ambos os governos, a emigração foi uma aventura incerta e solitária para uma terra completamente desconhecida, o sistema de convites (*yobiyose*) significava a chegada aos braços de uma família, sob a asa protetora de uma vasta rede social de japoneses que se ajudavam mutuamente"²⁴.

Também no Peru (como no Brasil), a situação da colônia japonesa piorou com o início da Segunda Guerra Mundial: os japoneses foram vistos como a quinta coluna de uma possível invasão nazifascista e as atividades comerciais dos japoneses foram atacadas. O primeiro saque ocorreu em 13 de março de 1940. Essa atmosfera "significou o fim da estadia no Peru de 316 imigrantes, que decidiram voltar ao Japão depois de perder todos os seus bens. No total, 614 pessoas foram afetadas"²⁵. Após Pearl Harbor, as sanções contra os japoneses presentes no Peru se tornaram ainda mais severas: entre 1942 e 1945, 1771 nipo-peruanos foram expulsos para os

²² *Los Nikkei del Perú*, cit., p. 21.

²³ Sobre a imigração feminina no Peru: Moromisato Miasato, Doris, *Crônicas de mujeres nikkei*, Fondo Editorial APJ, Lima 2020, 164 pp. (1ª ed. 2019).

²⁴ *Los Nikkei del Perú*, cit., p. 31.

²⁵ *Los Nikkei del Perú*, cit., p. 41.

Estados Unidos e lá internados em campos de concentração, assim como outros cidadãos do Eixo nazifascista.

Em 1945, com o fim da guerra, o Peru recusou-se a receber de volta esses deportados, que tiveram que retornar ao Japão, com o qual as relações diplomáticas haviam sido restabelecidas em 1946. Em 1946, apenas 79 ex-deportados foram readmitidos no Peru. Assim, a vida da comunidade nikkei recomeçou lentamente, se reorganizando e ampliando o que já havia sido alcançado antes da Segunda Guerra Mundial. Depois dos anos de desenvolvimento, no entanto, veio a crise da "Década Perdida" (já mencionada), que forçou muitos nipo-peruanos a retornarem ao Japão.

Nem sempre esse processo de reintegração foi bem-sucedido, e a decepção com o que deveria ter sido um retorno às raízes frequentemente resultou em um amargo retorno ao Peru. Um relato literário em primeira mão dessa circularidade migratória desestabilizadora descreve as tensões existenciais e emocionais que envolveram milhares de nipo-peruanos de todas as idades nessas duplas migrações entre as duas margens do Atlântico. Trata-se do relato do renomado escritor nipo-peruano Augusto Higa Oshiro, que aos 44 anos teve que deixar o Peru e trabalhar por quase dois anos como operário nas fábricas japonesas antes de desistir dessa emigração e voltar para o Peru.

5. O retorno ao Peru de um escritor nipo-peruano emigrado no Japão: um testemunho.

Augusto Higa Oshiro nasceu em 1946, graduou-se em literatura peruana e latino-americana na Universidad Nacional Mayor de San Marcos - a mais antiga da América Latina, fundada em 1551 - em Lima, e emigrou para o Japão em 1990, quando já era um escritor estabelecido em seu país de origem. Em suas primeiras obras, ele descrevia a vida dos bairros populares de Lima, como "El Porvenir", onde passou sua infância e juventude. É um escritor realista que pode ser comparado, neste contexto nipo-sul-americano, ao autor brasileiro Aluísio Azevedo, analisado em uma de minhas pesquisas anteriores²⁶.

Nessa primeira fase de sua vida, Augusto Higa publicou dois livros de contos - *Que te coma el tigre* em 1978 e *La casa de Albaceleste* em 1987 - e em 1992 (logo após seu retorno

²⁶ Cfr. o Cap. VII, *Un romanziere di successo nel Giappone di fine Ottocento: Aluísio Azevedo*, pp. 103-120, in Losano, *Brasiliani nel Giappone ottocentesco. I primi trattati paritetici dell'era Meiji*, Accademia delle Scienze, Torino 2021, 221 pp.

do Japão), o romance *Final del Porvenir*²⁷, que, no entanto, foi escrito antes de sua partida para o Japão, como Higa mesmo lembra: "Em 1988, eu tinha terminado meu terceiro livro, um romance sobre o bairro popular El Porvenir, que nunca consegui publicar, apesar dos contatos com dois editores"²⁸.

A crise econômica que coincidiu com a ascensão do nipo-peruano Alberto Fujimori ao poder, em 1990, o forçou a emigrar para o Japão, onde trabalhou como operário em cinco diferentes fábricas, de 1990 a 1992. Essa experiência marcou sua vida e sua obra, que sofre uma ruptura – em relação aos temas da primeira fase, puramente peruana – com o livro-testemunho *Japón no da dos oportunidades*, publicado em 1994, dois anos após seu retorno do Japão. É, na minha opinião, um texto de grande valor, tanto documental quanto literário, pois a situação existencial desses migrantes nipo-sul-americanos peculiares é descrita por uma testemunha direta, que possui as ferramentas culturais para relatá-la de forma aprofundada e envolvente.

De volta ao Peru, após sua decepcionante estadia no Japão, seu interesse como escritor muda da vida popular nos bairros periféricos de Lima para os problemas identitários dos peruanos descendentes de japoneses, ou seja, dos nikkei, que se sentem japoneses no Peru e peruanos no Japão. A essa temática nipo-peruana referem-se o romance *La iluminación de Katzuo Nakamatsu*, de 2008 (hoje considerada sua obra literária mais importante), o terceiro livro de contos *Okinawa existe*, de 2013, e o romance *Gaijin* (estrangeiro), de 2014²⁹.

Ao apresentar seu livro *O Japão não oferece duas oportunidades*, Augusto Higa explica sua estrutura e assunto já na frase inicial:

Este livro é o relato da minha experiência de trabalho de dezoito meses na prefeitura de Gunma, acessível pela moderna autoestrada a duas horas ao norte de Tóquio. De fato, de agosto de 1990 a maio de 1992, trabalhei para cinco empresas japonesas por meio de uma agência de fornecimento de mão de obra, que me pagava salário, fornecia alojamento, supervisionava minhas atividades e me representava perante as autoridades. Através deste sistema de agências, controla-se a maior parte da mão de obra estrangeira "nikkei" (ou seja, os descendentes de japoneses), que em 1991 era composta por 120

²⁷ Augusto Higa Oshiro, *Que te coma el tigre*, Lámpara de Papel Editores, Lima 1977, 116 pp.; Id., *La casa de Albaceleste*, Lluvia Editores, Lima 1987, 81 pp.; Id., *Final del Porvenir*, Milla Batres, Lima 1992, 186 pp.

²⁸ Augusto Higa Oshiro, *Japón no da dos oportunidades*, Animal de Invierno, Lima 2019, 272 pp. (1ª ed.: Generación, Lima 1994, 262 pp.). citação da p. 111.

²⁹ Augusto Higa Oshiro, *La iluminación de Katzuo Nakamatsu*, San Marcos, Lima 2008, 127 pp. (também como e-book: Fondo Editorial APJ, Lima 2018, 134 pp., com introdução de Fernando Iwasaki Cauti e de Miguel Ángel Vallejo Sameshima, e com dossiê fotográfico); Id., *Okinawa existe*, Asociación Peruano Japonesa, Lima 2013, 85 pp.; Id., *Gaijin* [Straniero], Animal de Invierno, Lima 2014, 68 pp.; sem Id., *Esta calle ya no es mía*, Murrup, Lima 2005, 95 pp.; Id., *Saber matar, saber morir*, Caja Negra, Lima 2014, 94 pp.; Id., *Todos los cuentos*, Campo Letrado Editores, Chorrillos 2014, 265 pp.

mil brasileiros, 18 mil peruanos, 9 mil argentinos e um número menor de bolivianos e paraguaios, segundo dados do Ministério das Relações Exteriores.

Contratado pela empresa "Shin Nihon" no Peru, comecei a trabalhar na empresa "Sawa Fuji" na cidade de Nitta-machi, onde eram produzidas peças para motores elétricos, com um salário de 8.500 ienes por dia (equivalente a 66,9 dólares por dia). Infelizmente, resisti apenas cinco meses devido às duras condições de vida: compartilhávamos um alojamento com treze pessoas, havia uma confusão constante, não havia espaço privado e a atmosfera carregada de tensão provocava agressões mútuas. Reembolsado o valor do bilhete Lima-Tóquio, recuperei meu passaporte e apresentou-se o agente Kobayashi-san, que nos seduziu com a isca de 12.000 ienes por dia para reformar estradas de montanha na prefeitura de Gunma. Era o momento da guerra no Golfo Pérsico³⁰. Aceitamos o desafio com um grupo de amigos. Naturalmente, o frio do inverno na vila de Shikishima, o trabalho de cavador nas ruas e minha baixa resistência física derrotaram minha boa vontade de ser um buscador de fortuna³¹.

As dificuldades enfrentadas pelos nipo-peruanos no Japão são ilustradas nos próximos parágrafos, com extensas citações do livro de Augusto Higa: a referência do livro é indicada ao final de cada citação.

6. Os motivos da partida dos *nikkei* do Peru.

É o próprio Augusto Higa a formular a pergunta que tantos nippo-peruanos se fizeram quando, abandonando as graves dificuldades do Peru, se encontravam enfrentando as dificuldades do Japão, também graves e frequentemente inesperadas.

Por que eu fui para o Japão? Eu não era capaz de explicar exatamente, mas uma resposta apropriada poderia ser o desejo de ganhar dinheiro e de reparar minha vaidade ferida. Em 1990, eu era um profissional especializado em revistas e publicações do Ministério da Educação e meu salário não ultrapassava os 80 dólares mensais. As receitas da minha esposa, médica em um hospital do Ministério da Saúde, chegavam a 100 dólares, e ambos mantínhamos uma família com dois filhos que estudavam na escola "La Unión". Acrescento que em 1988 eu havia terminado meu terceiro livro, um romance sobre o bairro popular "El Porvenir", que nunca consegui publicar apesar dos contatos com dois editores (p. 111 s.).

Esta situação familiar de restrição era o reflexo da crise geral que a sociedade peruana estava enfrentando:

³⁰ É a primeira Guerra do Golfo", que teve duração de 2 de agosto de 1990 a 28 de fevereiro de 1991. A "Segunda Guerra do Golfo", ou Guerra no Iraque, começou em 20 de março de 2003 e terminou em 18 de dezembro de 2011.

³¹ Higa Oshiro, *Japón no da dos oportunidades*, cit., p. 9 s.: assim começa a introdução do volume.

Estávamos vivendo a profunda crise do Peru, quando a inflação chegava a 60% ao mês, as empresas faliam como num turbilhão, legiões de trabalhadores eram demitidos, e o caos e a delinquência se difundiam vertiginosamente. Nessa situação explosiva, a guerra não convencional da subversão, com seus vinte mil mortos, atravessava todas as classes sociais e todos os cantos do país. A partir de 1988-1989, desencadeou-se a avalanche migratória entre os descendentes de japoneses: uma resposta lógica e providencial a uma crise que mostrava evidentes sinais de delírio coletivo. Olhando os fatos com serenidade, a partir dos anos setenta (mas especialmente nos anos oitenta), os pioneiros da aventura migratória foram os *nikkeis* que tinham recebido uma bolsa de estudos no Japão ou que tinham viajado para lá. Na verdade, estes tinham pontos de referência conhecidos e contatos de trabalho precisos; suas famílias japonesas os protegiam; eles sabiam bem o japonês e, além disso, conheciam as vias legais para obter o visto como "filhos de cidadãos japoneses". A resposta individual se transforma em um fenômeno coletivo e assume as características de alucinação quando se espalha a notícia de que o salário no Japão varia de dois a três mil dólares por mês. A loucura se apoderou de muitas famílias cansadas de viver no medo e na incerteza: alguns venderam a casa e o carro e liquidaram o modesto patrimônio. A febre do ouro despertava a avidez do mais pacífico dos *nikkeis*. Eu também acabei envolvido nesse grupo, seduzido pela ideia de ir ao Japão perseguindo a quimera de me reunir com meu passado natural, com aquela história cheia de fantasmas íntimos que foi bruscamente interrompida pela decisão dos meus pais de se estabelecerem no Peru" (p. 112 s).

Outros emigrantes viviam em constante incerteza, apesar dos esforços para se integrarem em uma sociedade tão diferente da peruana em que haviam sido formados: "Meu homônimo Kenji Higa, um evasivo estudante de economia da Universidade de Lima, teve que abandonar seus estudos porque sua família não conseguia pagar as taxas universitárias. Ele me confessou que, em seus vinte e três anos de idade, nunca se sentira tão abandonado pelo mundo: vagava na incerteza, não tinha objetivos claros e só de pensar no futuro ficava assustado. No entanto, sua intuição o aconselhava a estudar a língua, sua compreensão do japonês enriquecia com o vocabulário aprendido na escola "La Unión", onde aprendeu os alfabetos *hiragana* e *katakana* e cerca de duzentos ideogramas. Devido a seu excelente caráter, ele inevitavelmente se tornou o tradutor do grupo" (p. 53).

Augusto Higa descreve os nipo-peruanos ao seu redor e, em seu encontro com um deles, emergem claramente os dois principais problemas que os levaram à emigração: a crise econômica, sempre evocada por todos, mas também a guerrilha, não apenas em seu aspecto de confronto militar, mas também em seus aspectos mais estranhos aos ideais revolucionários românticos. Na verdade, a guerrilha praticava expropriações proletárias, mas não era a única a expropriar. Entre as pessoas com quem Higa compartilhava o apartamento, havia "um *nisei* corpulento de quarenta e cinco anos, com um metro e setenta de altura, fala calma e pele clara, que estava no Japão há um mês. Durante várias conversas, percebi que ele tinha sido um

próspero comerciante de Huancayo³², até que as brigadas do Sendero Luminoso e a polícia local destruíram seus negócios: os primeiros pediam contribuições revolucionárias, os segundos exigiam dólares para proteção. Depois da inflação, do aumento exorbitante dos preços da gasolina e da redução do número de consumidores, ele acabou falido. Ele lamentava amargamente sobre o Peru" (p. 125).

7. Os falsos nipo-peruanos, ou os '*nikkei chichas*'.

Os dois elementos desestabilizadores vistos até agora - ou seja, a crise econômica e a guerrilha - levaram não só os nipo-peruanos, mas também os cidadãos comuns a emigrar. Para encontrar uma saída para a crise e porque o Japão favorecia o retorno dos descendentes de japoneses, começaram a circular falsos nipo-peruanos. Muitos fraudavam documentos que comprovavam uma suposta ascendência japonesa, trocavam seus sobrenomes e até faziam cirurgia nos olhos para ter uma aparência oriental: eram os '*nikkei chichas*' - os 'nipo-peruanos falsos', como eram chamados com desprezo - que acabavam por criar problemas também para os nipo-peruanos autênticos perante as autoridades de imigração japonesas.

Em uma discussão sobre a situação internacional, Augusto Higa confronta Agena, um peruano residente no Japão há dois anos: "Eu falei da crise assustadora do Peru: a situação de guerra [civil], o fechamento de fábricas, as demissões em massa, o aumento da violência, o êxodo de milhares de compatriotas (incluindo os '*nikkei chichas*', ou seja, falsos), a desesperança das pessoas; em resumo, o país é um vulcão" (p. 161). Agena "identificava os '*nikkei chichas*' [ou seja, falsos] sem erro: "Eles têm o rosto de um verdureiro ou a aparência de um mestiço³³, são pessoas desorientadas, acostumadas a andar sem camisa na rua. Em qualquer cidadezinha da província conseguem obter um falso certificado de nascimento com um nome japonês. O próximo passo é comprar o *koseki* (documento japonês equivalente ao certificado de nascimento, casamento ou morte) que coincide com aquele nome e entrar em contato com uma agência de fornecimento de mão-de-obra em Lima. Eles pagam cinco ou dez mil dólares e vêm para o Japão". Foi a primeira vez que alguém me falou com precisão sobre peruanos imigrantes ilegais ou com documentos falsos. Olhei para ele surpreso, até chocado quando ele

³² Cidade de 400.000 habitantes no centro do Peru.

³³ "Zambos de barracón": 'Zambo' é um termo que hoje se refere a qualquer mistura étnica com africanos ou ameríndios.

acrescentou: "Eles não respeitam os costumes locais, não se interessam em se integrar e querem impor a lei do mais forte. Agora os japoneses vão nos odiar por causa dos *chichas*: eles podem nos repatriar a todos, imigrantes legais e ilegais" (p. 160).

Agena estava indignado: "Não é aceitável mudar o sobrenome, falsificar documentos, enganar meio mundo", dizia ele: "Há pessoas corruptas que organizam casamentos fictícios, famílias que adotam mediante pagamento, e assim surgem situações ilegais" (p. 161). Tudo isso acontecia com um nipo-peruano, Alberto Fujimori, na presidência da república: "Os brasileiros que atuavam como intérpretes perguntavam por que Fujimori não parava essa maré de viajantes indesejáveis. Agena - *sansei*³⁴, ou seja, nipo-peruano de terceira geração - também atacava Fujimori, acusando-o de corrupção e incapacidade, com medo de que, "se Fujimori falhasse, os peruanos atacariam as lojas dos descendentes japoneses, porque não nos perdoariam por nada" (p. 161). Infelizmente, essa ameaça não era vazia, mas evocava uma memória real e não distante: os ataques aos japoneses e seus bens no início da Segunda Guerra Mundial, quando o Japão aliou-se à Itália e à Alemanha contra os Estados Unidos, com quem, por sua vez, o Peru era aliado.

Por fim, o problema dos falsos nipo-peruanos criava, pelo menos, mais um problema para todos: devido aos *chichas*, "as autoridades de imigração japonesas não concediam mais vistos com base na simples apresentação de documentos: triplicavam as solicitações, e os requisitos significavam novos documentos e demonstrações complexas de sua descendência japonesa" (p. 249). No entanto, mesmo que a rede estivesse se fechando, alguém conseguia escapar: "Eu falei com o *chicha* Marcelo, nascido em Huancayo, contador e empregado em uma prefeitura distrital, onde obtive uma certidão de nascimento com um sobrenome japonês e onde fez os trâmites para obter o *koseki* (documento equivalente à certidão de nascimento, casamento ou morte). Chegou ao Japão por sua conta e, tendo um irmão que trabalhava na Nisei Sangyu, conseguiu um emprego na Tomei" (p. 269).

³⁴ No texto original de Augusto Higa lê-se "sensei", mas a explicação contida no próprio texto indica que se trata de um erro de impressão para "sansei", nipo-peruano de terceira geração. Em japonês, "sensei" significa 'pessoa mais velha' e, portanto, 'mais sábia' ou 'mais preparada': é usado no budismo e nas artes marciais, mas também no ensino e nas profissões.

8. As expectativas dos *nikkeis* no Japão

Se, por um lado, os problemas econômicos e a guerrilha levaram muitos a deixar o Peru, de outro lado o Japão apresentava muitas atrações que os levavam a escolhê-lo como destino migratório: uma migração que não era considerada definitiva, mas limitada ao tempo necessário para acumular economias que permitiriam voltar ao Peru e retomar suas atividades habituais. No entanto, era preciso perseverar: "O importante é não se entregar ao lamento, não perder tempo com malandros que você encontra, mas continuar avançando até conquistar um emprego que esteja de acordo com nossas capacidades, um nível de vida decente e um futuro sem incertezas para a família. Em resumo, partimos do Peru devido à crise e desilusão, e muitos compatriotas estavam em busca de sorte no Japão: não podíamos deixá-la escapar por causa das adversidades" (p. 101). E elas não eram poucas.

De fato, o Japão muitas vezes mostrava aos imigrantes um lado que não era o do país rigoroso e respeitoso das regras. As complexas mediações entre a empresa de mão de obra, a empresa japonesa e o trabalhador (que em geral não conhecia o idioma japonês) tornavam possíveis desonestidades pequenas e não tão pequenas, das quais Augusto Higas dá conta através da figura de Vicente Shimomura: "Sua astúcia de caudillo e sua falta de confiança nos outros derivava de sua experiência de trinta anos em Lima como vendedor de ferragens e diretor da Universidade Garcilaso de la Vega, formado em administração de empresas. - Ao se mudar para o Japão em 1990, ele percebia que os executivos japoneses recorriam aos métodos latinos dos empresários peruanos e, portanto, acreditava apenas na metade do que eles afirmavam, insistindo aqui em meia hora de horas extras, lá exigindo mais quinze minutos, até chegar à melhor remuneração para um estrangeiro, ou seja, os desejados 300 mil ienes [2.220 dólares na taxa de câmbio da época³⁵]. Seu tópico favorito consistia em se imaginar proprietário de uma empresa no Peru em cinco anos, vendendo e comprando, investindo rios de dinheiro" (p. 222).

9. O problema da língua japonesa.

Os nipo-peruanos vinham de famílias nas quais, ao longo de várias gerações, o uso da língua japonesa havia diminuído até quase desaparecer; além disso, frequentaram escolas

³⁵ Augusto Higa indica os valores em ienes e os valores correspondentes em dólares de acordo com a taxa de câmbio oficial dos anos de 1990-1992, valores que são apresentados na tradução sem alterações ou atualizações.

peruanas e ambientes onde se falava espanhol. Portanto, ao chegar ao Japão, eles se depararam com a constante barreira da língua, o que tornava indispensável um intermediário quando o nipo-peruano precisava estabelecer qualquer contato externo, por exemplo, com um escritório ou uma terceira pessoa. Em vez disso, "os *nikkeis* brasileiros em geral falavam *nihongo*³⁶ e realizavam seus contatos sem intermediários" (p. 161).

De outro lado, a tentativa de aprender japonês era perseguida por poucos e com muitas dificuldades.

"Fiquei surpreso com os invejáveis progressos de Luis Abe, eternamente deitado na cama, rodeado por livros de gramática japonesa, munido de um dicionário e empenhado em aumentar seus conhecimentos de japonês, apesar do cansaço de dez ou doze horas de trabalho, passadas soldando peças metálicas. Além disso, ele não somente praticava conversação usando um gravador, mas também se aventurava na selva dos *kanjis* [ideogramas], rompendo os misteriosos véus da leitura. Aos 35 anos, Luis Abe poderia ser considerado um *dekasegi*³⁷ de vanguarda: em sua mente, ele projetava o futuro, percebia que o caminho para vencer no Japão passava necessariamente pelo conhecimento da língua e já em Lima havia aprendido os alfabetos *hiragana* e *katakana* e mais de cem ideogramas. Formado pela Universidad Nacional de Ingeniería, parece que trabalhou em várias empresas, mas sem obter satisfações econômicas e pessoais. Solteiro e sem outros problemas familiares, percebendo as humilhações e os atrasos impostos pela crise peruana, decidiu ir para o Japão, renunciando à sua profissão de engenheiro, para projetar um futuro mais promissor e livre de mais amarguras" (p. 149 s.).

Paralelamente às dificuldades no uso do japonês, em cada imigrante aumentava aquela "capacidade de intuição" que lhe permitia superar a barreira linguística e interpretar o tom da voz e a linguagem corporal de quem o cercava. Esse contato não verbal permitiu a Augusto Higa estabelecer "uma amizade sem palavras" com Nagayama-san.

"Ele sabia que eu não queria falar japonês: eu tinha algumas noções elementares reunidas com muito esforço, mas me recusava a deformá-lo gravemente, sendo consciente da minha ignorância; o senso de ridículo me bloqueava a boca e eu nem tentava expressar as necessidades mais elementares. Nagayama-san aceitava esse meu modo de ser, entendia a injustiça da minha situação de estrangeiro marginalizado, porque era consciente de que nós que não entendíamos o 'nihongo' [o japonês] estávamos condenados ao desprezo público. Você pode constatar que a pessoa incapaz de se apropriar da língua local aumenta sua capacidade de intuição: ela não entende detalhes das conversas, mas percebe o sentido geral, principalmente se for negativo. Assim, na estação de correios, eu sabia quando as pessoas falavam de mim e sentia a desconfiança crescer em mim acompanhada da piedade. No extremo oposto,

³⁶ *Nihongo* é nome dado pelos japoneses ao seu próprio idioma. (Nota da tradutora).

³⁷ *Dekasegi* é uma palavra japonesa que se refere genericamente a trabalhadores estrangeiros que vão para o Japão em busca de emprego e melhores condições de vida. (Nota da tradutora).

Nagayama-san e eu construímos uma amizade sem palavras, baseada no afeto e reduzindo-a ao mínimo, sem pena nem danos" (p. 95).

Mas no Oriente marcado por migrações seculares, às vezes surgiam conexões linguísticas inesperadas, como aconteceu durante um inverno na cabine de um caminhão, onde os trabalhadores se refugiaram para desfrutar do aquecimento. Lá, Augusto Higa constatou com surpresa que o vocabulário familiar superava com naturalidade o espaço e o tempo. Era inverno; "Ao meio-dia, almoçávamos dentro do caminhão para aproveitar o aquecimento, quando apareceu um avião distante. O velho se virou para mim e disse perfeitamente em castelhano "!Mierda!", continuando em japonês a falar sobre o aparelho. "É o condor japonês", me disse. O avião deslizava tranquilamente e me parecia a caricatura de um pássaro. Nesse momento, porém, me surpreendeu o uso apropriado da palavra espanhola "mierda", sem intenções ofensivas, mas como se a conhecesse desde sempre. Ele usou a palavra "Cóndor" porque sabia da existência desse pássaro sul-americano. Eu o olhei surpreso, porque às vezes ele entendia algumas palavras em espanhol, outras vezes não" (p. 138 s.). Finalmente veio a iluminação: "Entendi que a mãe do velho motorista era filipina e nessa parte do mundo, que foi uma colônia espanhola, sobreviveram palavras em castelhano. Que surpresa!" (p. 141).

A galeria dos companheiros emigrados se enriquece com figuras, cada uma com sua própria história, com seus próprios problemas e com seus próprios caminhos para tentar resolvê-los. Nem todos são de origem peruana, porque o Japão era um destino de ampla e composta emigração. Assim, ao lado do engenheiro peruano Luis Abe, que se tornou soldador, encontramos um paquistanês chamado Pakistán Silva, que se sente discriminado não só pelos japoneses, mas também pelos nippo-peruanos.

Nos alojamentos superlotados, era necessário estabelecer turnos para a cozinha ou para o chuveiro, que precisavam ser respeitados para evitar tensões. Augusto Higa repreende o indisciplinado Pakistán Silva, de 25 anos: "Uma semana depois de nos instalarmos, eu o repreendi por sua pouca participação no andamento do alojamento comum, e então ele desabafou (*soltó la pedra que atormentaba su conciencia*): "Vocês *nisei* são racistas", disse. Naquele momento, percebi que Pakistán Silva sofria profundamente de sua condição de mestiço ou *ainoko*³⁸; em outras palavras, ele não podia esconder seu contraditório sentimento de inferioridade. Ele era pequeno, magro, com um rosto afilado andino e uma pele brilhante de

³⁸ "Ainoko" em japonês (hoje em desuso) indica o indivíduo que tem um dos pais japoneses; no Brasil, "mestiço de japonês" ou "miscigenado de japonês".

chancaca [ou *panela*, subproduto de açúcar de cana]³⁹. À primeira vista, lembrava certos vendedores dos mercados de Lima, a menos que se examinasse cuidadosamente seus olhos, pois então se descobriria que os traços asiáticos não eram estranhos a ele. Eu sabia mais ou menos que ele fazia parte de uma família de 3 ou 4 irmãos, que vivia em San Martín de Porres e que, depois de terminar a escola, trabalhou para um parente como ajudante de motorista de uma pequena van" (p. 150 s.).

Pakistán Silva vivia, portanto, em uma condição de dupla marginalização, porque se sentia rejeitado tanto pelos nipo-peruanos, imigrantes como ele, quanto pelos japoneses: "Ele não tinha contato com a 'colônia' [peruana] por causa de sua origem mestiça ou de sua baixa condição econômica; provavelmente, para ele, eu representava a outra margem feliz que ele lutava para alcançar, enquanto nós pisávamos em seus dedos. O velho ressentimento característico do Peru ressurgia no Japão, indicando que as feridas e lamentações persistiam, mesmo que escondidas. No entanto, nós, 'descendentes legítimos' – às vezes com uma loja de automóveis, outras vezes profissionais azarados ou até mesmo pobretões sem eira nem beira – diante das autoridades japonesas tínhamos o mesmo status dos *ainoco* maltrapilhos: todos éramos estrangeiros oportunistas. E Pakistán Silva, em sua repreensão, revelava um subtom de alegria que tinha o sabor da vingança" (p. 151).

10. O problema da própria identidade.

Os imigrantes no Japão - independentemente da qual fosse sua condição no Peru - enfrentavam muitas dificuldades diárias, que eventualmente podiam abalar sua estabilidade mental. Recém-chegado à sua fábrica, Augusto Higa não consegue encontrar o caminho para casa, que sabe estar perto: é um "fenômeno natural para todo *dekasegi*: perder-se na rua. Entre a fábrica e minha casa havia setecentos metros, que eram facilmente percorridos em vinte minutos por ruas retas" (p. 28). No entanto, Higa não sabe se orientar naquele mundo novo e estranho: "Uma vez que o estrangeiro não tem pontos de referência na paisagem, para ele as casas são absolutamente iguais, as ruas parecem completamente idênticas, e as esquinas não deixam marcas em sua memória". Ele percebe que não sabe para onde ir: "Com o passar do

³⁹ Chancaca é um tipo de calda de açúcar não refinado, comum na região dos Andes. Ela é feita a partir do suco de cana-de-açúcar, que é fervido até que a água evapore e o açúcar se cristalize, semelhante ao melado de cano brasileiro. (Nota da tradutora).

tempo, eu me sentia cada vez mais estressado e ao perambular percebi que, como náufragos ou extraviados, estava girando em círculos" (p. 29). No final, ele não tem escolha a não ser pedir ajuda aos moradores da casa mais próxima, que o levam ao seu destino.

Se não pode contar com o apoio dos japoneses no solo japonês, Augusto Higa busca a solidariedade dos nipo-peruanos, já experimentada em Lima. Lá, de fato, foram seus parentes, imigrantes do Japão para o Peru, que tiveram que se adaptar a um ambiente completamente novo para eles, e as dificuldades ambientais forjaram um senso de solidariedade que durou por gerações: "Com base na minha experiência, eu tinha confiança na solidariedade entre niseis: um sentimento atávico herdado dos avós, que permitiu enfrentar juntos a difícil situação da adaptação ao Peru. Lembro-me de conversas com alguns amigos de Lima, que destacavam os traços de simpatia mútua entre *niseis* que não se conheciam: talvez fosse a fraternidade, a identidade racial, a aceitação de um modo de vida, não sei: até que ponto a sensação de fraternidade sobrevivia?" (p. 32).

A emigração de volta ao país dos pais é uma fonte de perguntas sem resposta para Augusto Higa: "Eu me perguntava: por que os destinos dos descendentes de japoneses na América permitiram que a diversidade geográfica e a integração em sociedades nacionais tão próximas nos colocassem em posições tão diferentes? O que eu tinha em comum com Tito Araki ou com qualquer um dos *niseis* brasileiros? Talvez o gosto comum pela exageração e pela caricatura? A situação ficava ainda mais complicada se olhássemos no espelho dos trabalhadores japoneses: havia continuidade entre eles e nós? Do ponto de vista do trabalho, os *nihonjin* [japoneses] nos viam com bons olhos? Impressionado por milhares de detalhes, eu sentia o frio do outono, as mãos congeladas, as bochechas caídas, enquanto olhava para o jardim vazio e as cadeiras tão cobiçadas no verão" (p.98 s.).

11. O início da psicose e o retorno ao Peru.

As dificuldades materiais e pessoais até agora analisadas colocavam duramente à prova o sistema nervoso de cada nipo-peruano emigrado no Japão, tanto que muitos não aguentavam e, após várias peregrinações no Japão, retornavam ao Peru. Esse foi o caminho seguido também por Augusto Higa, apresentado a seguir como caso exemplar em relação a numerosos eventos

similares. O desconforto psíquico desses emigrados nipo-peruanos chamou a atenção de muitos estudiosos⁴⁰.

"Até que ponto o estresse tinha chegado? - pergunta-se Augusto Higa - Não saberia dizer com precisão, mas ainda assim posso dizer com certeza que não apresentava visíveis sintomas de depressão, nem era dominado pela ansiedade. Voltava cansado para casa, esperava minha vez de relaxar no chuveiro, cozinhava com um dos grupos e jantávamos na sala de jantar, enquanto Koji Murakami narrava suas aventuras como vendedor principal nos mercados de Lima. Depois de fumar vários cigarros, me retirava às dez e, já no quarto, não conseguia dormir nem relaxar porque me incomodava o mínimo barulho, como o som das conversas, o rangido da escada e minha própria respiração. Não suportava meu companheiro de quarto, que reduzia ainda mais as escassas oportunidades de um sono regular" (p. 82).

Sobre o inquieto companheiro de quarto, Pedro Fukushima, "acredito que temia o sono profundo porque, quando navegava nas águas do inconsciente, de sua boca vinha um impressionante ranger de dentes, muito agudo e prolongado, que fazia sobressaltar até o mais distante de seus companheiros de quarto" (p. 83).

Da mesma forma, Carlos Araki não estava bem, e com o aumento do mal-estar crescia nele também a tentação de voltar ao Peru. Suas dificuldades de adaptação são exemplares: "Se analisarmos seus trinta meses de trabalho no Japão, encontramos quatro ou cinco aventuras laborativas, com uma permanência média de cinco meses por empreendimento. Cada ciclo chegava ao fim cercado por problemas: dívidas com amigos, necessidade de mudar de casa, trabalho inadequado ou desejo de um melhor salário" (p. 259). O desconforto implicava, de fato, ausências que afetavam o salário: "Os holerites de outubro e novembro mostram apenas 18 e 20 dias de trabalho de um total de 23: provavelmente Araki era o que ganhava menos na Tomei. Às vezes falávamos de suas insônias permanentes, com o sono que chegava às 5 horas da manhã, independentemente de seu turno de trabalho. Era falta de vontade? Queria desistir de tudo e voltar para a casa materna? Talvez sentisse nostalgia do passado. O que era real e

⁴⁰ Ignacio López-Calvo, *La locura literaria como vehículo de autorrevelación cultural en La iluminación de Katzuo Nakamatsu y Japón no da dos oportunidades de Augusto Higa*; Paul Asto Valdez, *La locura como una aproximación de la voz subalterna en La iluminación de Katzuo Nakamatsu*, in Asto Valdez, Paul - Pérez Orozco, Edith (eds.), *Augusto Higa Oshiro*, Facultad de Letras y Ciencias Humanas, Universidad Nacional Mayor de San Marcos - Distopía Editores, Lima 2015, 129 pp. - Irina Soto-Mejía, *Memoria, trauma y perdón en la narrativa nisei de Augusto Higa Oshiro: escribir el pasado para atrapar al futuro*, "Alternativas. Revista de estudios culturales latinoamericanos", 2017, 7 (<https://alternativas.osu.edu/es/issues/autumn-7-2017/essays4/soto-mejia.html>). - O seguinte artigo pode ser lido online no endereço indicado, mas não está claro quem é o autor; no site, o texto do artigo aparece como: David Durand Ato, *Paranoia e identidade en la narrativa de Augusto Higa Oshiro: el caso de 'Japón no da dos oportunidades' (1994)*; mas imediatamente indica: "Citar como: Martínez, J. (2019). *Paranoia e identidade en la narrativa de Augusto Higa Oshiro: el caso de Japón no da dos oportunidades (1994)*, "Desde el Sur", 11(2), 2019, pp. 41-60 (<https://revistas.cientifica.edu.pe/index.php/desdeelsur/article/view/550/584>).

tangível era encontrado em sua esposa Maesa que, perseverante como uma formiga, superava as dificuldades com coragem, aceitava as responsabilidades sem nunca faltar um dia no trabalho, chorando amargamente quando as reclamações contra Carlos Araki se tornaram insuportáveis. Certamente, sua intuição feminina lhe dizia que os tempos da Tomei estavam inexoravelmente chegando ao fim" e, com eles, sua estadia no Japão (p. 233).

No caso exemplar de Augusto Higa, o aumento do desconforto psicológico assume primeiramente a forma de intolerância a ruídos mesmo leves e, progressivamente, até ruídos que não existem, mas que se tornam ainda mais angustiantes para ele quanto mais inexistentes são. Os dois últimos capítulos de seu testemunho são dedicados ao transbordar dessas incompatibilidades ambientais, alimentadas pelos inquilinos do apartamento vizinho 105 e pela inquietante figura feminina de "Flor sin retoño"⁴¹, enigmáticamente presente em vários momentos do relato inteiro. "Flor sin retoño" torna-se quase o símbolo do crescente mal-estar de Augusto Higa, que culminará com seu retorno ao Peru⁴².

Quando meu primo Walter retornou ao Peru, fiquei nas garras dos vizinhos do apartamento 105. Às quatro da manhã, em intervalos regulares, alguém caminhava no quarto ao lado do meu: bastava o arrastar cauteloso dos pés e meus nervos tensos se irritavam. Bastava o movimento de um objeto minúsculo, um atrito contra a parede: assim, o refinado carcereiro mantinha vivas as brasas do meu sofrimento, renovando sua presença impiedosa e arruinando cada momento de tranquilidade. Era inútil mudar a cama, colocar o travesseiro sobre as orelhas ou encher as orelhas com algodão: cada sussurro mínimo sempre triplicava em minha cabeça. E eles sabiam disso. Havia dois olhos implacáveis que me observavam do outro lado da divisória, ferozmente focados em meu corpo. Eles estavam perfeitamente cientes dos meus mínimos movimentos e não precisavam adivinhar o que eu faria em seguida. Eles desfrutavam da vingança, desfrutavam da perfeição de sua perseguição: sabiam que a vítima não resistiria por muito tempo e esperavam sua total ruína. Às oito da manhã (quando Pakistán Silva e Luis Abe tinham ido para a Isuzu), havia outro algoz que retomava o espólio. Sem testemunhas e mudando a técnica, reproduzia ruídos domésticos: alguém que limpava o *tatami* ou movia o armário, enquanto os ruídos dos carpinteiros de uma casa em construção invadiam o quarto. Então eu transportava meu futon para o quarto de Pakistán Silva e, na medida do possível, tentava acalmar meus nervos, fechando as janelas e ficando na escuridão mais completa. Às duas da tarde, as crianças do *ryoo* chegavam com seu barulho nas escadas e os motores das fábricas vizinhas zumbiam. Meus torturadores concordavam com uma pequena trégua, o suficiente para recuperar as forças e, depois de cozinhar, partia de bicicleta para a Tomei às quatro da tarde. Com o cair da noite, as mesmas cenas cruéis voltavam, perfeitamente organizadas, sem erros, sem falhas, sem nenhuma nota desafinada, como se fosse a evolução exata da própria

⁴¹ A expressão "Flor sin retoño" (flor que não brota) atrelada a figura feminina misteriosa mencionada por Higa também é título de uma canção, escrita por Pedro Fuentes e interpretada canonicamente pelo cantor mexicano Pedro Infante e que fala de uma história de amor não correspondido. (Nota da tradutora).

⁴² A fase final da estadia no Japão é descrita por Augusto Higa nos capítulos XXIII e XXIV (pp. 241-272), nos quais a introspecção psicológica se entrelaça com os eventos externos. As poucas citações a seguir não fazem justiça à complexidade da narrativa; seria útil uma tradução completa delas, o que infelizmente não é possível aqui.

realidade. Nessa "guerra psicológica que durará nove meses, a vítima é cercada, não tem saída, seus neurônios explodirão a qualquer momento, a lógica fria do abuso sutil a levará a um ato insensato" (p. 245).

Augusto Higa tentava contra-atacar com os mesmos meios, por exemplo, "batendo na porta do 105 logo pela manhã, esperando que o algoz aparecesse na noite de inverno. A resposta sempre foi um silêncio total, talvez porque imaginavam minhas lágrimas de crocodilo, talvez porque suspeitavam que minha intenção era distraí-los para obter uma pausa, para ter algumas horas de paz, pois eu os desprezava tanto quanto eles me desprezavam. O rancor era claro: ninguém queria diálogo nem daria um passo atrás. Juntamente com "Flor sin retoño" do segundo andar, eles tentavam me destruir, mas eu queria vender caro minha rendição. Eles eram onze adultos e quatro mulheres que não trabalhavam, exceto de forma esporádica, enquanto eu estava sozinho" (p. 246 s.).

Na verdade, nenhum de seus companheiros o apoiou e sua situação piorou: "Não tinha um lugar para descansar, porque nessa atmosfera nem mesmo os comprimidos calmantes funcionavam" (p. 247); seus companheiros observavam este "espetáculo de decadência física"; contudo, para eles, "coerentes com sua posição neutra, era mais fácil aceitar minha decadência mental, tão frequente entre os estrangeiros no Japão, afirmando que certamente eu sofria de ilusões auditivas, porque ouvia ruídos inexistentes" (p. 247).

A descrição de Higa de sua fase final no Japão é concluída com um autorretrato implacável: "Eu tinha o rosto alterado, a barba por fazer, olheiras marcadas; estava sempre irritado; comia mal, vestia mal, estava perturbado. No final, atormentado pela necessidade de ter um lugar para descansar, às vezes me mudava para um hotel próximo, gastando 60 mil ienes (44 dólares americanos) por noite. Não sei quanto tempo durou essa situação. Nunca estive tão perto do abismo do suicídio quanto nesses dias desgraçados" (p. 247 s.).

Quando a esposa de Vicente Shimomura foi de férias para o Peru, Augusto Higa se mudou para o alojamento do amigo: lá "eu superava meus tormentos noturnos, dormia decentemente; então, sem infâmia nem louvor, entramos no período de férias para o ano novo, 1992. Meu amigo partiu para Kanagawa e eu fiquei sozinho em casa" (p. 248). Mas a calma é apenas aparente, pois Higa carrega consigo sua própria inquietude.

O amigo Vicente, que havia ido dormir no apartamento de Higa, inicialmente não ouviu o barulho dos vizinhos do 105, um barulho que, no entanto, minava o sistema nervoso de Higa: "Evidentemente, sua psique ainda não havia sido danificada e não reagia a uma simples

vibração. Então, os vizinhos aumentaram o tom, aumentaram discretamente o barulho, derrubaram objetos pesados, arrastaram correntes. Vicente abriu os olhos e ouviu sons abafados, sussurros: parecia uma conspiração de bruxas. Ele fugiu assustado. Me aconselhou a não brigar com aquela família: ele os conhecia de Lima, onde tinham a reputação de serem idiotas e vingativos. Tenha cuidado, ele disse" (p. 251).

O mal-estar de Higa aumenta também fisicamente ("no almoço, mastigando apenas um pedaço de arroz, meus dentes superiores cederam, quebrando na raiz", p. 252) e "naquele momento decidi minha volta ao Peru, porque não via uma solução para meus problemas, me sentia oprimido e emocionalmente alterado" (p. 252). Nem mesmo a notícia de que o odiado clã do qual também fazia parte "Flor sin retoño" estava se mudando para outra cidade fez ele mudar de ideia.

De volta ao seu alojamento, suas inquietudes psicológicas pioram: agora ele não sente mais "ruídos perturbadores", mas tem a sensação de que "alguém está lhe observando": "Eu não sabia explicar, porque os vizinhos do 105 não estavam mais lá, enquanto o 206, acima do nosso, não estava ocupado". Além disso, como ele continua ouvindo ruídos, seu problema mais grave volta a ser o sono noturno: "Não pode ser novamente "Flor sin retoño": estou ficando louco" (p. 256). Então, ele tenta raciocinar sobre a situação. Em primeiro lugar, ele não sofria de alucinações auditivas em nenhum outro lugar; em segundo lugar, a causa ainda era "Flor sin retoño", sem interferências da família, mas "por decisão pessoal, por sua paixão por vingança devido à sua psicologia cruel" (p. 257); em terceiro lugar, ela agora morava no 205, um quarto que tinha um ponto de contato com o alojamento de Higa: e de lá vinham os ruídos; em quarto lugar, "Sua família havia se mudado de cidade, mas "Flor sin retoño" tinha ficado em Iyoku, se movendo clandestinamente à noite. Sua missão era impedir que eu descansasse. Ela, alojada ilegalmente com uma brasileira no Tokio Parks, não se mostrava aos vizinhos e dormia durante o dia" (p. 257 s.).

Por várias páginas, Augusto Higa descreve o pesadelo de "Flor sin retoño". Enquanto sua situação mental piorava, na fábrica "a notícia de minha súbita loucura se espalha" (p. 270) e sua demissão estava sendo preparada. Oprimido pela perseguição, ele decide partir: "Embarquei para Tóquio para me proteger do perigo, com a desculpa de pagar pela passagem de avião, comprar lembranças do Japão, carimbar meu passaporte no escritório de imigração de Nihonbashi, ver a fachada do palácio imperial e, finalmente, me despedir dos amigos [...]. Recebi manifestações de afeto, recuperei minhas forças, conversei com o jovem Honda,

almocei no restaurante “Pantanal”, dei minha Bíblia para Anita: foram três dias de festa e observei com admiração as cerejeiras (*sakuras*) na entrada da Sanyo. Finalmente, uma tarde Vicente me acompanhou até a estação e nos despedimos com um abraço. Quando ele me contou sua intenção de abrir um negócio em Ota, sorri melancólico. Imaginei uma borboleta passando diante da minha janela, estendi a mão e não consegui pegá-la. A felicidade dura pouco, é como o Japão: nunca oferece duas chances" (p. 271 s.). "La mariposa de la citação - explica o crítico López-Calvo - simboliza la felicidad que el autor no logró encontrar en un país en el que era considerado non solo un extranjero, sino también un menor en términos legales"⁴³.

Augusto Higa está ciente de que sua única possibilidade desaparece com a partida do Japão, e seu relato de dezoito meses no Japão termina com a frase que é o breve resumo daquela derrota e, também, o título de seu livro: "A felicidade dura pouco, é como o Japão: nunca oferece duas oportunidades". Ele próprio, quinze anos depois, voltará a essa frase para explicá-la: "No fim das contas, ser japonês é uma abstração. Por isso, a viagem ao Japão foi muito útil para mim. Quando cheguei lá, me deparei com uma quantidade inimaginável de possibilidades. A personalidade *nisei*, como a concebemos aqui, não existe no Japão. [...] Percebi que sou mais peruano e mais latino-americano do que imaginava. Tudo isso está em *Japón no da dos oportunidades*, principalmente na parte final. No Japão, o protagonista falhou e precisa retornar. Ele está parado em frente a uma janela e, de repente, uma borboleta passa por ele, ele estende a mão, mas a borboleta escapa. É como se a felicidade tivesse escapado dele, e é por isso que ele diz: “O Japão não me daria duas oportunidades”. Para mim, essa foi uma viagem sem retorno ao Japão; não é à toa que se passaram cem anos [desde a imigração japonesa no Peru]. Agradece-se, sabe-se que se vem de lá, sente-se que de alguma forma se está ligado [ao Japão], mas é outro país, outro contexto. Nunca conseguiria me assimilar àquele mundo. Este livro é uma versão não otimista da realidade, sem ser negativo. É uma realidade muito complexa. Enraizar-se no Japão é uma verdadeira odisséia"⁴⁴.

⁴³ Ignacio López-Calvo, *La locura literaria como vehículo de autorrevelación cultural [...] in Paul Asto Valdez - Edith Pérez Orozco (eds.), Augusto Higa Oshiro*, Facultad de Letras y Ciencias Humanas, Universidad Nacional Mayor de San Marcos - Distopía Editores, Lima 2015, p. 59.

⁴⁴ Entrevista com Augusto Higa para a rede de la Asociación Peruano Japonesa (Lima, 2 de fevereiro de 2007: <http://www.apj.org.pe/temasemanal/02-02-07>). O texto é relatado por Fernando Iwasaki no final de seu Prefácio (*La fábula mística de Augusto Higa Oshiro*) à segunda edição (2015) do *La iluminación de Katzuo Nakamatsu*.